



A Farsa de Inês Pereira

Gil Vicente

A época: contexto histórico de uma fase de transição

Portugal surgiu como país a partir do Condado Portucalense, território localizado entre os rios Minho e Tejo. No ano de 1143, com o reconhecimento de Leão e Castela, estabelece-se o Reino de Portugal, sob o reinado de Afonso Henriques. Todavia, a atividade propriamente dita literária do reino português só se iniciaria em 1189 (ou 1198), quando Paio Soares de Taveirós compõe o que se considera o primeiro documento literário português, uma cantiga intitulada "A Ribeirinha", também conhecida como cantiga de garvaia.

A "Cantiga da Ribeirinha" marca o início da literatura portuguesa e também do primeiro movimento literário em Portugal: o Trovadorismo, que se estenderia até 1434, vigorando, portanto, durante praticamente dois séculos e meio. A partir do fim do século XIV, um movimento intelectual surgido na Itália — e que dominou toda a Europa — aponta para uma renovação artística e filosófica. Extinguia-se a Idade Média e o Teocentrismo que a caracterizava. A Igreja perde aos poucos a hegemonia e o Homem passa a ver-se diante de novas perspectivas. É o surgimento do Humanismo, com a valorização do racional. O Homem que fora, no decorrer da Idade Média, subjugado ao clero, percebe-se como agente do processo histórico, sente sua importância e independência. Pode controlar seu próprio destino; passa, aos poucos, do teocentrismo (subserviência à Igreja Católica) para o antropocentrismo que vigoraria no Renascimento: o Homem como medida de si próprio.

Sua visão de Deus sofre profunda transformação: já não há um Ser Divino castigador, exigente e cruel, mas um Deus de infinita bondade e amor, que dá ao ser humano a volição, a escolha de seu destino.

O alemão Gutemberg cria a imprensa mecânica de caracteres móveis, o que permite a vasta difusão dos livros por toda a Europa. Na Itália há artistas do nível de Dante e de Petrarca.

Em Portugal co-ocorrem fatos importantes: implanta-se a Dinastia de Avis, após a Revolução de mesmo nome (1383-1385), que coloca no poder o Mestre de Avis — coroado D. João I de Avis em 1385 —, graças ao apoio da burguesia. Instala-se uma nova mentalidade: há preocupação com a expansão marítima portuguesa e a nação, outrora feudal, com uma agricultura de subsistência, torna-se um reino importante e rico. A Universidade de Coimbra, que fora fundada em 1290, passa a ser prestigiada como grande centro intelectual.

Caracteriza a época, principalmente, um processo de humanização da cultura, o qual correspondeu ao nascimento do mundo moderno na Europa: o mercantilismo, com o desenvolvimento do comércio; o surgimento da burguesia e o florescimento das cidades europeias, ao lado da formação das monarquias nacionais absolutistas, que, ao lado da invenção da imprensa e do início das grandes navegações são alguns dos principais marcos do período.

Gil Vicente: o fundador do teatro português

Antes de Gil Vicente, praticamente não havia teatro em Portugal, pois não existia, nas encenações, unidade entre o texto e a representação: o que se fazia era apenas um teatro rudimentar, ligado às tradições da igreja e encenado nas comemorações religiosas, como os *mistérios*, *moralidades* e *milagres* e os *momos*, *arremedilhos* e *pantomimas* do teatro profano.

Gil Vicente é considerado o fundador do teatro português e o maior nome da literatura portuguesa em sua época, o Humanismo, que consistiu num período de transição entre o fim da Idade Média propriamente dita e o início do renascimento.

Pouco se sabe sobre sua vida: é provável que tenha nascido por volta de 1465, e tudo indica que morreu entre 1537 e 1540. Deixou, no entanto, obra de singular importância na dramaturgia lusa e influenciou vários autores da língua, entre os quais os brasileiros Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto.

Iniciou seu teatro em 1502, quando encenou, saudando o nascimento do futuro rei D. João III, o "Monólogo do Vaqueiro" ou "Auto da Visitação". No Natal do mesmo ano, a representação do "Auto Pastoral Castelhana" confirma seu sucesso e ele passa a viver na Corte, às custas do rei, incumbido de escrever, produzir e encenar seu teatro. Inicia-se verdadeiramente o teatro português e o texto passa então a predominar sobre o cenário e a representação. Dessa data até 1536, ano de produção de sua última peça, dedicou-se a escrever e a encenar seu teatro. Deixou quarenta e seis peças, das quais uma em castelhano e dezesseis bilíngues.

Ao longo de trinta e quatro anos, o teatro vicentino evoluiu e conheceu três fases: a primeira, de iniciação literária, sob influência do dramaturgo espanhol Juan Del Encina; a segunda, marcada pela crítica social mordaz e corrosiva; e a terceira, que corresponde à sua maturidade intelectual, em que demonstra grande domínio da linguagem e continua a crítica social, agora com intenção moralizante.

Pertencem à terceira fase suas obras-primas, como "Auto da Barca do Inferno", "Auto da Barca do Purgatório", "Auto da Barca da Glória", "Auto da Lusitânia", "O Velho da Horta", "O Juiz da Beira" etc.

A *Farsa de Inês Pereira* está entre as obras-primas e insere-se também na última fase. Nela, estão reunidas as qualidades que marcariam o teatro de Gil Vicente: a maleabilidade da linguagem, a crítica social com intenção moralizante, a investigação dos destinos do homem, a criação de tipos representativos da sociedade e do comportamento humano e o sentido alegórico-crítico.

Apesar de ter vivido — e escrito seu teatro — no final do Humanismo e em contato com o mundo renascentista, Gil Vicente deixa transparecer, em suas obras, uma cosmovisão teocêntrica e medieval, criticando os valores renascentistas e o utilitarismo burguês. Rudimentar, baseado no improvisado e na espontaneidade, o teatro vicentino era popular e rompeu com a unidade de tempo, ação e espaço do teatro clássico. Os temas dividem-se em religiosos e de atualidade. É expresso em redondilhas, seu lirismo é intenso e apresenta alta densidade dramática.

O enredo: história de uma donzela casadoira

A peça tem como tema o ditado popular "Mais quero asno que me carregue do que cavalo que me derrube." E trata da questão do casamento por interesse, além de fornecer um retrato fiel dos costumes do tempo, criticando seus valores superficiais e vazios. Inês Pereira é uma moça solteira que sonha em casar-se, para livrar-se da vida de trabalhos na casa da mãe, e deseja um marido discreto, isto é, sabido, alegre, que saiba falar bem e tocar viola. Assim, rejeita o pedido de casamento do simplório Pero Marques e casa-se com Brás da Mata, um escudeiro que fala palavras bonitas e ostenta uma falsa aparência de requinte. Divide-se o texto em três partes: Inês Fantasiada, Inês Mal-Maridada e Inês Quite e Desferrada.

INÊS FANTESIOSA - Primeira Jornada

Sozinha em casa, trabalhando no serviço doméstico enquanto a mãe fora à missa, Inês reclama de sua vida; não suporta mais a lida da casa:

"Coitada, assim hei de estar
encerrada nesta casa
como panela sem asa

que sempre está num lugar?
Isto é vida que se viva?
Hei de estar sempre cativa
desta maldita costura?
Com dois dias de amargura
haverá quem sobreviva?
[...]
Esta vida é mais que morta,
sou eu coruja, ou corujo,
ou sou algum caramujo,
que não sai senão à porta;
sou feliz quando me dão
um dia de permissão
que possa estar à janela;
mais feliz que Madanela
diante da Ressurreição."

Seu monólogo queixoso é interrompido pela chegada da mãe, que vem da igreja e repreende a filha por não estar trabalhando como deveria. Entram, então, em conflito as visões de duas gerações diferentes:

Mãe: "Logo eu adivinhei
lá na missa onde eu estava,
como a minha Inês lavrava
a tarefa que eu lhe dei.
Acaba esse travesseiro!
Hui! Nasceu-te algum unheiro?
Ou cuidas que é dia santo?
Inês: Praza a Deus que algum quebranto
Me tire do cativoiro.
Mãe: Tu estás mal-humorada?
Choram-te os filhos por pão?
Inês: Possa Deus me dar razão,
Que é tempo de estar casada...
Mãe: Olhade lá o mau pesar!
Como queres tu casar
com fama de preguiçosa?
Inês: Mas eu, minha mãe, sou prestimosa,
E vós sempre a demorar.
Mãe: Ora, espera, assim vejamos...
Inês: Quem já visse esse prazer!
Mãe: Cal'-te, que poderá ser,
que ante a Páscoa vêm os Ramos.
Não te apresses tu, Inês,
maior é o ano que o mês:
quando menos esperares,
virão maridos aos pares
e filhos de três em três.
[...]"

Chega Leonor Vaz, a alcoviteira, e interrompe o diálogo entre mãe e filha. Conta, ofegando, que quase fora estuprada por um clérigo no caminho. Afirma que tentou gritar, mas não conseguiu. A mãe de Inês, rindo, conta que também fora vítima de uma tentativa assim na época da poda, mas que tivera um ataque de riso, fazendo o bandido correr. A alcoviteira, então, diz que também rira com os elogios ridículos que o clérigo lhe fizera. Relata, ainda, que se sentira coxa, sem conseguir mover-se, mas conseguira, mesmo assim, escapar ao atentado.

A mãe de Inês pergunta a Leonor se o clérigo a conhecia, e ela faz um trocadilho com a conotação sexual dessa expressão na *Bíblia*: "Mas queria me conhecer." Afirma que quer queixar-se da agressão ao cardeal, mas é aconselhada a não fazê-lo, pois não está "arranhada de se carpir", ou seja, não parece tão ofendida assim.

Leonor defende-se, dizendo que não se arranhara tanto, porque suas unhas estão curtas, mas que uma grande prova é o fato de estar descabelada. Acaba confessando que quando apareceu alguém para salvá-la, já se achava "bem cansada".

Depois de justificar-se mais uma vez, agora por não ter mordido o clérigo com medo de ser excomungada, a alcoviteira muda de assunto e esclarece a razão da visita: conhece um pretendente à mão de Inês.

Embora não saiba quem é o pretendente, Inês começa a colocar-lhe objeções:

Inês: Porém não hei de casar
senão com homem avisado;
ainda que pobre e pelado,
seja discreto em falar.

Leonor: Eu vos trago um bom marido,
rico, honrado, conhecido;
diz que sem dote vos quer.

Inês: Primeiro eu hei de saber
se é parvo, se é sabido.

Leonor: Nesta carta que aqui vem
para vós, filha d'amores,
veredes vós, minhas flores,
a discrição que ele tem.

Inês: Mostrai-ma cá, quero ver.

Leonor: Tomai, e sabedes vós ler?

Mãe: Hui! E ela sabe latim,
e até gramática, enfim,
e sabe quanto ela quer.

Inês lê a carta do pretendente e menospreza-os a ambos. Mas, querendo divertir-se, consente que a alcoviteira o leve à sua casa.

O autor da carta é Pero Marques, que é realmente um parvo, ou seja, bobo, tolo. Vem "vestido como filho de lavrador rico, com um gibão azul deitado ao ombro, com o capelo por diante", mas revela-se ingênuo e simplório, não mostrando qualquer sutileza no traquejo social. Conta, porém, que herdara terras do pai e que possui muito gado:

Pero: Gado tenho, nem sei quanto,
e tenho do melhor gado;
é muito gado, garanto.
E desejo ser casado,
prouvesse o Esp'rito Santo,

com Inês; que eu me espanto
quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
e eu de bem sou também;
ora então ide vós vendo
se lhe vem melhor ninguém
a segundo eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
pêras da minha pereira,
e é colheita derradeira.

Oferece as peras a Inês, mas esta procura pelas frutas no capelo e não as encontra. Vexado, Pero Marques diz que devem tê-las comido sem que ele visse.

A mãe de Inês deixa os dois sozinhos, para que conversem melhor, mas Pero Marques estranha e reclama dessa atitude. Antes de partir, ele aconselha Inês a fechar bem a porta, pois não ficaria bem outro homem pilhá-la no escuro e sozinha.

Depois que ele sai, Inês fica pensando que, se fosse outro homem, teria tentado aproveitar-se da situação. Volta a mãe, pergunta pelo pretendente e ela afirma que só se casará com um homem que seja discreto, mesmo que pobre:

Mãe: Pero Marques foi-se já?

Inês: Pra que era ele aqui?

Mãe: E não te agrada ele a ti?

Inês: Vá-se em hora muito má!

Que sempre disse, e direi:
mãe, eu não me casarei
senão com homem discreto,
e assim vo-lo prometo,
ou antes o deixarei.
Que seja homem mal feito,
feio, pobre, sem feição,
mas se tiver discricção,
não lhe quero mais proveito.
Que viola saiba tanger,
nem me importo de comer
cebola, pão e farinha;
ao som duma cantiguinha...
isso sim, que vale ter!

A mãe pergunta-lhe como fará para viver assim e para arranjar o marido que deseja. Inês responde-lhe que encarregou do caso judeus casamenteiros que logo chegarão.

Chegam os judeus casamenteiros, Latão e Vidal. Queixam-se do tanto que andaram para encontrar um pretendente do jeito que Inês queria. Depois de muito investigar e receber várias negativas, acharam um escudeiro que se enquadrava nas exigências da moça; tinham-lhe feito a proposta e ele a aceitara. Informam, ainda, que ele toca viola, e sugerem que é falastrão.

INÊS MAL-MARIDADA - Segunda Jornada

Apresenta-se o escudeiro, acompanhado de seu moço, que lhe carrega a viola. Vem falando sozinho e duvidando de que Inês seja tudo o que os judeus disseram, questionando até sua honestidade. Orienta o moço sobre o comportamento que deverá ter na presença de Inês: tirar o chapéu, disfarçar as cuspidas, fazer mesuras e não dar risada, no caso de ouvi-lo mentir. O moço, então, se queixa de que nem sapatos bons tem, e o escudeiro lhe garante que muito breve os terá.

Enquanto isso, a mãe de Inês ensina à filha como se portar na presença do novo pretendente: deve ser discreta, falar pouco, não rir, para que ele pense que ela é moça séria.

Finalmente, chegam à casa de Inês o escudeiro e seu moço. O pretendente logo começa a falar em tom elogioso, enaltecendo as qualidades da moça, que se mantém em silêncio, como a mãe a orientara:

Escudeiro: Antes que mais diga agora,
 Deus vos salve, senhora,
 e vos dê por minha esposa,
 por mulher e por senhora.
 Que bem vejo
 nesse ar, nesse despejo,
 mui graciosa donzela;
 que vós sois, minh'alma, aquela
 que eu busco e que desejo.
 Obrou bem a natureza
 Em vos dar tal condição,
 Que amais a discrição
 Muito mais (do) que à riqueza.
 Bem parece
 que a discrição merece
 gozar vossa fermosura,
 que é tal, que de ventura
 outra tal não se acontece.

O escudeiro informa que não tem riqueza, mas que é comprador do marechal, seu senhor, e que sabe ler e escrever, além de tocar viola. A seguir, pede o instrumento ao seu moço e põe-se a falar com ele: por essa conversa, fica-se sabendo que a viola é emprestada, que o moço dorme no chão, sem cobertas, e que deseja abandonar o emprego por causa dessas condições. O patrão pede-lhe que espere o casamento, que depois ele ajudará o moço:

Moço: Determino de partir
 antes que venha o inverno,
 porque vós não dais governo
 para vos alguém servir.
 Escudeiro: Não dormes tu que te farte?
 Moço: No chão... e o telhado por monta,
 e cerra-se-me a garganta
 com fome...
 Escudeiro: Isso tem arte...
 Moço: Vós sempre zombais assi.
 Escudeiro: Oh que boas vozes tem
 esta viola aqui!...

Deixa-me casar a mi,
Depois eu te farei bem.
[...]

Chega a mãe de Inês e fala que agora a filha está no paraíso. Inês, então, responde que ela nada tem a ver com isso e que deve deixá-la divertir-se, pois o melhor que existe é ter um "marido sabido". A mãe argumenta que a singeleza e a sinceridade são, muitas vezes, qualidades melhores, mas Inês não quer saber. O escudeiro canta um romance e enquanto isso os judeus casamenteiros conversam e discutem com sua mãe, porque ela está criticando o marido escolhido.

Inês aceita o pedido de casamento do escudeiro:

Escudeiro: Dai-me cá essa mão, senhora.

Inês: Senhor, de mui boa mente.

Escudeiro: Por palavras de presente
vos recebo desde agora.
Nome de Deus, assim seja,
eu Brás da Mata, escudeiro,
recebo a vós, Inês Pereira,
por mulher e por parceira,
como manda a Santa Igreja.

Inês: Eu aqui, diante (de) Deus,
Inês Pereira, recebo a vós
Brás da Mata, sem demanda,
Como a Santa Igreja manda.

Os judeus querem receber dinheiro por terem arranjado o marido, mas a mãe de Inês responde que só no dia seguinte, pois agora está na hora da festa. Sai para chamar os convidados e volta "com certas moças e mancebos para fazerem a festa". Depois da festa, a sós com o marido, Inês canta-lhe uma cantiga, mas ele grita-lhe que está proibida de cantar. Ela obedece e ele acrescenta que "o homem sisudo / traz a mulher dominada".

Surpresa, Inês pergunta ao marido a razão dos maus tratos, e ele responde que ela mesma havia buscado discrição e que a maior discrição era ele guardar seu tesouro, ou seja, ela, a esposa:

Escudeiro: Vós buscastes discrição,
que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso,
maior discrição e siso,
que guardar eu meu tesouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?
Vós não haveis de mandar
em casa, num só cabelo:
se eu disser: — Isto é novelo! —,
havei-lo de confirmar;
e mais: quando eu vier
de fora, haveis de tremer;
e coisa que vós digais
não vos há de valer mais
(do) que aquilo que eu quiser.

O escudeiro declara que vai partir para a guerra e ordena que seu moço vigie Inês, mantendo-a trancada em casa. Brás da Mata parte e o moço cumpre as ordens do patrão: Inês fica trancada e trabalhando na lida doméstica que sempre detestara. Arrependida, canta, enquanto trabalha:

Inês: Juro em todo meu sentido
que se solteira me vejo
assim como eu desejo,
que eu saiba escolher marido,
— sem ser vítima de engano —,
pacífico todo o ano
e que ande a meu mandar,
havia-me eu de vingar
deste mal e deste dano.

INÊS QUITE E DESFORRADA - Terceira Jornada

Vem a Inês o moço com uma carta que fora escrita a ela por seu irmão. Na carta, ele comunica a ela que Brás da Mata, o escudeiro, ao fugir da batalha, tinha sido morto por um mouro na guerra. Inês obriga o moço a devolver-lhe a chave da casa e o demite. Sozinha, diz a si mesma que não vai chorar por um homem que parecia tão corajoso e morreu covardemente. Reflete e toma a decisão de escolher, agora, "um muito manso marido", e não mais um sabido.

Chega Leonor Vaz, a alcoviteira, para visitar Inês e de novo lhe propõe que se case com Pero Marques. Inês disfarça e finge que está triste com a morte do marido, mas Leonor aconselha-a a não ligar para a tristeza nem para as outras pessoas e casar-se logo, pois Pero Marques é um herdeiro de terras. Inês concorda. Enquanto a alcoviteira vai chamar o noivo, a moça conclui que é melhor um marido que fique feliz só de vê-la:

Inês: Andar, Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Meu desejo eu retempero:
asno que me leve quero,
não cavalo valentão:
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Chegam Leonor Vaz e Pero Marques e Inês se casa com ele. A cerimônia é engraçada e atrapalhada, pois o noivo não sabe as palavras certas e deseja esperar um pouco porque não há trigo para jogar no casal. As duas, no entanto, o convencem e fazem as coisas de improviso.

A alcoviteira sai e o casal fica a sós. Inês fala para o marido que deseja sair de casa, pois há tempo que não faz isso. Ele responde que ela pode ir aonde quiser, que não há lugar a que ele não consinta que ela vá.

"Vem um ermitão a pedir esmola", falando em espanhol, e revela a Inês que ele se fizera ermitão por Ter-se apaixonado por ela sem ser correspondido e sem esperança. Inês lembra-se, então, dele:

Inês: Jesus! Jesus! Manas minhas!
Sois vós aquele que um dia

em casa de minha tia
me mandastes camarinhas?
E quando aprendia a lavar
mandáveis-me tanta coisinha?
Eu ainda era Inesinha,
não vos queria falar...

Inês promete ao ermitão ir visitá-lo. Assim que ele vai embora, ela pede a Pero Marques que a leve até onde está aquele "anjinho de Deus". O marido não apenas a leva, como a carrega às costas ao atravessar o rio para chegarem à ermida.

A farsa termina com Inês cantando:

Inês: "Marido cuco me levais
e mais duas lousas."

Pero: Pois assim se fazem as cousas.

Inês: "Bem sabei vós, (meu) marido,
quanto vos amo;
sempre fostes decidido
para gamo;
carregado ides, nosso amo,
com duas lousas."

Pero: Pois assim se fazem as cousas.

Inês: "Bem sabei vós, (meu) marido,
quanto vos quero;
sempre fostes decidido
para cervo.
Agora vos tomou o demo
com duas lousas."

Pero: Pois assim se fazem as cousas.

E assim se vão e se acaba a dita farsa.

As personagens principais

- **Inês Pereira:** jovem que, como as outras de sua época, vive confinada em casa e é obrigada pela mãe a realizar os trabalhos domésticos. Idealista — "fantasiosa" —, deseja casar-se para livrar-se daquilo que considera uma prisão, e sonha com um homem que, mesmo pobre, seja discreto, sabido, elegante, galante. Decepcionada com o primeiro marido, vê-se viúva e casa-se de novo, com um pretendente a quem se recusara antes por não achar nele as qualidades que exigia. Parvo, ingênuo, ele, no entanto, tem riqueza e a trata muito bem, chegando a carregá-la no colo a caminho da moradia de um antigo admirador dela. O comportamento de Inês mostra que ela não tem remorsos nem conflitos por trair esse segundo marido.
- **Brás da Mata, o escudeiro:** primeiro marido de Inês, engana-a, fingindo ter as qualidades que ela deseja num marido. Pobre, revela-se um tirano, maltratando-a e mandando trancá-la em casa, quando vai para a guerra, em que morre covardemente.
- **Pero Marques:** primeiro pretendente — recusado — e segundo marido de Inês, é um homem simplório, ingênuo, sem malícia ou verniz social. Labrego proprietário de terras, gosta sinceramente dela e faz tudo o que a mulher quer: até carregá-la às costas, enquanto ela canta uma cantiga sugerindo que ele é traído.
- **A mãe:** como as outras mães da época, tenta arrumar um bom marido para a filha e aconselha-a a casar-se com alguém de posses.
- **Leonor Vaz:** é a alcoviteira, mulher que arranjava casamentos para solteiros e também relacionamentos adúlteros para casados, intermediando as situações. É a responsável pela

aproximação de Pero Marques como pretendente de Inês e pelo casamento dos dois no fim da história.

A farsa: comentários gerais

A farsa é, em muitos traços, semelhante à comédia de costumes. Segundo o Prof. Massaud Moisés, da USP, se observadas genericamente, a principal diferença entre elas encontra-se no grau, pois a farsa apresenta o exagero do cômico, podendo-se nela observar o emprego de processos grosseiros como o absurdo, o humor primário e situações ridículas, e uma maior dependência dos aspectos externos que do conflito dramático. Trata-se de uma composição simples, rudimentar, que vai diretamente ao ponto que deseja enfatizar, sem rodeios, nem artificialismos, provocando o riso fácil e o pronto entendimento do tema e das situações criadas para desenvolvê-lo.

Entre as obras de Gil Vicente que tematizam o profano, *A Farsa de Inês Pereira* é considerada a mais perfeita, quer pelo aspecto temático, quer pela sua estrutura.

O argumento para este texto é a demonstração do adágio popular "Mais quero asno que me carregue, que cavalo que me derrube", que foi proposto ao autor por "homens de bom saber" que questionavam sua capacidade artística e a autenticidade de seu trabalho. A aplicação do refrão é de fácil identificação: o "cavalo que me derrube" refere-se ao primeiro marido de Inês, que simulou ser alguém requintado e galante (o cavalo é considerado um animal nobre) e decepcionou-a, pondo por terra suas ilusões, enquanto o "asno que me carregue" é representado por Pero Marques, o segundo marido, que literalmente a carrega nas costas.

Como nos outros trabalhos de Gil Vicente, nota-se nesta farsa a desobediência à regra da unidade de tempo, espaço e ação que caracterizava o teatro clássico:

- a ação transcorre ao longo de, pelo menos, alguns dias, já que Inês decide casar-se, recebe dois pretendentes, escolhe um, casa-se com ele, ele vai para a guerra, ela fica trancada, ele morre, ela despede o pajem, resolve casar-se novamente, conversa com a alcoviteira, casa-se de novo, encontra o ermitão e vai com o marido à ermida onde ele mora;
- o espaço é dividido entre a casa de Inês, o terreiro onde se faz a festa do primeiro casamento e o caminho compreendido entre a casa dela e a ermida, tendo um rio que ela e o marido atravessam;
- a ação propriamente dita é dividida em três partes, que ilustram as diferentes etapas vividas por Inês até a solução cabal de seu conflito inicial: o confinamento doméstico e o trabalho de casa.

Atividades

1. Por que Inês Pereira rejeitou o primeiro pedido de casamento de Pero Marques?
2. O que aconteceu a Inês, depois que se casou com o escudeiro?
3. Qual foi a reação de Inês à morte do marido?